



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL-NOTURNO

Ana Paula Rodrigues dos Santos

**A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS
COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Santa Maria, RS
2017

Ana Paula Rodrigues dos Santos

**A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Especial – Noturno da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM), como requisito parcial para
obtenção de grau de **Licenciada em
Educação Especial.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Guacira de Azambuja

Santa Maria, RS
2017

Ana Paula Rodrigues dos Santos

**A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA VISUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC,
apresentado ao curso de Licenciatura em
Educação Especial – Noturno da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM), como
requisito parcial para obtenção de grau de
Licenciada em Educação Especial.

Aprovado em 27 de novembro de 2017.

Guacira de Azambuja, Prof.^a Dra. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Elisane Maria Rampelotto, Prof.^a Dra. (UFSM)

Josefa Lúcia Costa Pereira, Prof.^a Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS,
2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades e vencer os obstáculos.

Agradeço ao meu pai e a minha mãe, que não estão mais presentes, mas em vida me deram educação, orientação e incentivo para continuar minha caminhada.

Agradeço ao meu irmão e meu namorado, por sempre estarem ao meu lado, pelo apoio e força que me deram para continuar esta jornada.

A minha orientadora Professora Dra Guacira de Azambuja, pela dedicação, apoio e paciência durante a elaboração deste trabalho.

À Professora Dra. Josefa Lídia da Costa Pereira, por aceitar avaliar este trabalho, pelos conhecimentos repassados, pelo apoio e por permitir que compartilhássemos outros momentos ao longo da minha formação acadêmica.

À Professora Dra. Elisane Maria Rampelotto, também por aceitar avaliar este trabalho, pelos conhecimentos repassados e pela competência profissional.

Agradeço aos demais professores que também fizeram parte da minha formação.

À UFSM, pelo acolhimento, alimentação, moradia e assistência estudantil.

Agradeço aos amigos e demais familiares que me deram incentivo e que fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

AUTORA: Ana Paula Rodrigues dos Santos
ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Guacira de Azambuja

Este trabalho tem por objetivo geral conhecer a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual e descrever o quanto é significativa a intervenção precoce assim que detectada a deficiência. A problemática que subsidia o presente estudo versa sobre qual é a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual? Como objetivos específicos apontam-se as contribuições da estimulação essencial para o desenvolvimento de crianças com deficiência visual, descrever a importância desta estimulação e identificar os fatores que influenciam no desenvolvimento da estimulação essencial das crianças com deficiência visual. A metodologia de trabalho é de cunho qualitativo com o uso do método bibliográfico. A análise foi descritiva e discorre sobre a importância de a estimulação essencial ser de fato determinante no desenvolvimento da criança com deficiência visual. Os estudos dos autores utilizados revelam que a estimulação essencial é relevante, pois têm o objetivo de prevenir ou tratar prováveis dificuldades ou atrasos no desenvolvimento infantil, além de apontar a importância do envolvimento da família junto à equipe multidisciplinar nos programas de intervenção.

Palavras-chave: Educação Especial. Deficiência Visual. Estimulação Essencial. Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

THE IMPORTANCE OF ESSENTIAL STIMULATION FOR VISUALLY IMPAIRED CHILDREN

AUTHOR: Ana Paula Rodrigues dos Santos
ADVISOR: Prof^a Dr.^a Guacira de Azambuja

This work aims to know the importance of essential stimulation for visually impaired children and to describe how significant is early intervention when the deficiency is detected. The former problematic in the present study is what is the importance of essential stimulation for visually impaired children? As specific objectives, the work describes contributions of the essential stimulation for the development of visually impaired children, describing the importance of such stimulation and identifying the factors that influence the development of the essential stimulation of the visually impaired children. The methodology is qualitative with the use of the bibliographic method. The analysis was descriptive and discusses about the importance of essential stimulation is, in fact, a determining factor in the development of the visually impaired child. The studies of authors which this work was based show that the essential stimulation is relevant because it has the objective of preventing or treating probable difficulties or delays in the childhood development, besides pointing out the importance of family involvement together with a multidisciplinary team in the intervention programs.

Key words: Special Education. Visual impairment. Essential Stimulation. Childhood development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	1
2.1 A DEFICIÊNCIA VISUAL: DEFINIÇÕES.....	10
2.2 A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E SEU DESENVOLVIMENTO.....	12
2.3 A ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL.....	15
3. METODOLOGIA	20
4. A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS	22
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS:	30
APÊNDICE A - QUADRO REFERENTE ÀS FONTES BIBLIOGRÁFICAS UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO.....	33
APÊNDICE B - TABELA: RESULTADOS OBTIDOS NO PROCESSO DE PESQUISA.....	37

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aborda discussões acerca dos temas: Estimulação essencial¹ e deficiência visual. A criança com deficiência visual necessita de estímulos que possam lhe ajudar a potencializar o seu desenvolvimento em sua totalidade, por isso, ressalta-se a importância da estimulação essencial em crianças com deficiência visual.

A estimulação essencial é também um trabalho realizado para a construção do conhecimento, através da interação com o outro. Desse modo, Gil (2000) relata ser um processo que desperta a curiosidade e interesse pela descoberta do mundo, estimula a disposição e autonomia da criança com deficiência visual.

Neste sentido, este trabalho remete à problemática: Qual a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual? De modo que foi abordado o que os estudos sobre este tema apontam como contribuição para esta indagação. Como objetivo geral este estudo apresenta: conhecer a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual. E como objetivos específicos: descrever sobre a importância desta temática e suas contribuições para o desenvolvimento de crianças com deficiência visual, apontando fatores que influenciam no desenvolvimento da estimulação essencial.

Para uma melhor compreensão, este trabalho constitui-se de Introdução que aborda o tema, os objetivos e a justificativa.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico que subsidiou o trabalho e foi configurado nos seguintes subtítulos: *2.1 A Deficiência Visual: Definições*: apresenta a deficiência visual e seu significado, bem como os conceitos sobre baixa visão, cegueira e suas implicações. Os autores que subsidiaram esse capítulo foram Bruno (2006), Sá (2011), Vygotski (1997) e Carvalho (1994); *2.2 A Criança com Deficiência Visual e o seu desenvolvimento*: discorre sobre a criança e seu desenvolvimento, além de apresentar também uma análise entre a estimulação

¹Existem autores que utilizam a terminologia Estimulação Precoce, outros Intervenção Precoce, neste trabalho foi estabelecido utilizar o termo Estimulação Essencial.

essencial e a teoria cognitivista de Piaget. Por conseguinte, as reflexões realizadas nesse capítulo tiveram como aporte teórico os estudos de autores como Rapaport, Fiori e Davis (1981), Papalia e Olds (2000), Gil (2000) e Nogueira (2002); 2.3 *A estimulação essencial e a criança com deficiência visual* tratam sobre a estimulação essencial, a nomenclatura, os objetivos dessa estimulação essencial e sua importância. Nesse sentido, utilizaram-se dos estudos de autores como Reis (2014), Nogueira (2002) e Franco (2015).

O terceiro capítulo trabalha a metodologia de pesquisa da qual se optou pela abordagem qualitativa com método bibliográfico. Para esse capítulo contou-se com os estudos de Minayo (1994), Fonseca (2002) e Gil (2002).

Sendo a visão um dos sentidos mais integrador, sua alteração pode afetar vários aspectos de adaptação da criança ao seu meio ambiente. As crianças com deficiência visual apresentam dificuldades específicas em relação à interação e comunicação com o meio necessitando de procedimentos diferenciados para auxiliar no seu desenvolvimento global. Esses procedimentos ou ações são denominados de intervenção precoce, pois visam minimizar o mais cedo possível *déficits* em seu desenvolvimento.

Além disso, a intenção de realização deste trabalho é de reforçar ainda mais, a todo o público, a importância da realização da estimulação essencial para a criança com deficiência visual.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A DEFICIÊNCIA VISUAL: DEFINIÇÕES

Na história antiga da sociedade, as pessoas cegas eram consideradas subumanas, objeto de pavor religioso, castigo divino. Tinham suas vidas eliminadas na infância, ou mesmo no nascimento, para Bruno (2006, p.11)

Os conceitos sobre a deficiência que ainda povoam o imaginário de muitas pessoas e professores revelam a dicotomia presente em nossa cultura entre: perfeição/imperfeição, deficiência/eficiência, normalidade/anormalidade.

Para Bruno (2006, p.11), [...] “a deficiência visual, por si só, não acarreta dificuldades cognitivas, emocionais e de adaptação social”. O determinante para o desenvolvimento cognitivo, social, emocional são os estímulos que lhe são ofertados bem como as relações que estabelecem com o meio.

Em nossa sociedade, a visão tem um papel fundamental, já que vivemos em um mundo visual. A definição de deficiência visual é um fenômeno construído socialmente, segundo Franco e Dias (2005) as atitudes para com as pessoas cegas são de função Social.

Sá (2011) acredita que a percepção visual é global e simultânea e a sociedade é caracterizada pelo “visocentrismo, isto é, a visão ocupa o topo dos sentidos e o centro das atenções e dos sistemas de expressão e comunicação humana”.

Brasil (1995, p. 17), menciona a “deficiência visual de duas formas: cegueira e baixa visão”. A cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais funções fundamentais da visão, podendo ocorrer desde o nascimento (cegueira congênita), ou posteriormente (cegueira adquirida) decorrente de causas orgânicas ou acidentais.

A criança com cegueira congênita não conserva imagens visuais, contudo, poderá conhecer o mundo através do tato, audição, paladar e, por isso, necessita de estímulos complementares para construção de conhecimento, explorando os sentidos remanescentes. Vygotski (1997, p.74) descreve a forma de como as pessoas cegas vivem sem o sentido da visão:

[...] a cegueira é não apenas a falta da vista (o defeito de um órgão específico), senão que assim mesmo provoca uma grande reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade. A cegueira, ao criar uma formação peculiar da personalidade, reanima novas forças, altera as direções normais das funções e, de uma forma criadora e orgânica, refaz e forma a psiquê da pessoa. Portanto, a cegueira não é somente um defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força (por estranho e paradoxal que seja!).

Para o autor, a psicologia da pessoa cega está relacionada à superação da deficiência, através de sua compensação social, isso por meio de interações e experiências estimuladas por outra pessoa que lhe ajude a construir seus conhecimentos, além de que a cegueira é percebida mais facilmente que a baixa visão podendo ser diagnosticada mais cedo.

A baixa visão também chamada de visão subnormal, ambliopia ou visão residual é uma condição complexa e variável que interfere ou limita a execução de tarefas e o desempenho de habilidades práticas.

Para a Sociedade Brasileira de Visão Subnormal (*apud* SÁ, 2011, p.186)

uma pessoa com baixa visão é aquela que possui um comprometimento de seu funcionamento visual, mesmo após o tratamento e/ou correção de erros refracionais comuns e tem uma acuidade visual inferior a 20/60 (6/18, 0.3) até percepção de luz ou campo visual inferior a 10 graus do seu ponto de fixação, mas que utiliza ou é potencialmente capaz de utilizar a visão para planejamento e execução de uma tarefa.

A pessoa com baixa visão apresenta um resíduo de visão suficiente para ver luz e tomar direção a partir dela. É importante para criança com baixa visão a estimulação de sua visão residual, pois quanto mais for utilizada, maior é a probabilidade de um melhor funcionamento visual. Assim Carvalho (1994, p.13) fala:

A baixa visão pode ocorrer em 3 níveis, que são: leve; moderado ou severo, e várias alterações podem influenciar nesta deficiência, que são decorrentes de fatores ambientais inadequados, de fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes que interferem ou limitam o desempenho visual do indivíduo.

Para Sá (2011) a condição visual de uma pessoa com baixa visão apresenta grande variação dependendo de seu estado emocional, as circunstâncias e a

posição em que se encontra, dependendo das condições de iluminação visual natural ou artificial.

Conquanto, é relevante para o desenvolvimento da criança com deficiência visual, o atendimento adequado nas primeiras semanas ou meses de vida, pois a estimulação restrita ou nula de seu desenvolvimento poderá acarretar em grandes dificuldades do potencial da criança.

2.2 A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL E SEU DESENVOLVIMENTO

A área do desenvolvimento humano é dinâmica com mudanças biológicas e psicológicas que são mais vistas na infância, porém, ocorrem durante toda a vida. O desenvolvimento infantil inicia-se ainda na vida intrauterina envolvendo o crescimento físico, maturação neurológica, habilidades relacionadas ao comportamento, visando ter respostas às necessidades da criança e as do seu meio.

Para compreensão do desenvolvimento infantil abordaremos os estudos do autor Jean Piaget. Para este autor, o desenvolvimento infantil ocorre através de mudanças graduais de assimilação e acomodação que permitem a passagem a diferentes estágios caracterizados por diferentes formas de pensamento e ação.

Segundo Rappaport; Fiori; Davis (1981, p.63) “Piaget observou que existem formas diferentes de interagir com o ambiente nas diversas faixas etárias. A estas maneiras típicas de agir e pensar, Piaget denominou estágio ou período”.

Em sua obra, Piaget apresenta quatro estágios, sendo eles: Sensório-motor, de 0 aos 2 anos; estágio pré-operatório, dos 2 aos 7 anos; estágio operatório concreto, dos 7 aos 12 anos, e operatório formal, dos 12 anos em diante (INHELDER; PIAGET, 1974).

Por conseguinte, neste trabalho serão abordados os dois primeiros períodos anteriormente mencionados que são o sensório-motor e o pré-operatório. No período sensório-motor, o bebê torna-se capaz de, progressivamente, organizar atividades em relação ao ambiente. Assim destaca Rappaport; Fiori; Davis (1981, p.67):

O período de bebê é, sem dúvida, bastante complexo do ponto de vista do desenvolvimento, pois nele irá ocorrer a organização psicológica básica em todos os aspectos (perceptivo, motor, intelectual, afetivo, social). Do ponto

de vista do autoconhecimento, o bebê irá explorar seu próprio corpo, conhecer os seus vários componentes, sentir emoções, estimular o ambiente social e ser por ele estimulado, e assim irá desenvolver a base do seu autoconceito. Este autoconceito estará alicerçado no esquema corporal, isto é, na ideia que a criança forma seu próprio corpo.

No estágio pré-operatório, a criança desenvolve um sistema de representação e usa símbolos para representar pessoas, lugares e acontecimentos. A criança que se encontra neste período desenvolve todos os seus sentidos, tendo ou não deficiência, por isso, ressalta-se a importância da criança com deficiência visual receber os estímulos cabíveis para o seu desenvolvimento.

As manifestações deste estágio são a linguagem e o jogo simbólico, desse modo, explica Rappaport; Fiori; Davis (1981, p.68):

Ao se aproximar dos 24 meses a criança estará desenvolvendo ativamente a linguagem o que lhe dará possibilidades de, além de se utilizar da inteligência prática decorrente dos esquemas sensoriais-motores formados na fase anterior, iniciar a capacidade de representar uma coisa por outra, ou seja, formar esquemas simbólicos.

Pode-se dizer, então, que cada estágio citado corresponde a determinadas características e são modificadas em função da melhor organização. Na obra de Piaget, podemos ver que o autor se concentrou, essencialmente, em como as crianças aprendem e não o quanto elas aprendem.

A pesquisa sobre o desenvolvimento humano é complexa e pode estar sujeita a diferentes influências, comuns e individuais, que poderão afetar as pessoas. Essas influências podem ser no desenvolvimento físico, cognitivo e psicossocial de cada indivíduo. Conforme Papalia; Olds (2000, p. 28):

Ao discutirmos como as pessoas se desenvolvem, observamos as influências que afetam muitas ou a maioria delas e também aquelas que as afetam de modo diferente, tais como: raça, etnia, cultura, estilo de vida, constelação familiar e condição socioeconômica (classe social, educação, ocupação e renda). Também observamos a presença ou ausência de deficiências mentais ou físicas.

Assim, destaca-se a influência da deficiência visual no desenvolvimento global da criança. O potencial de cada criança é variável e poderá depender de fatores internos e externos, não podendo ser determinado um único padrão de desenvolvimento, pois cada criança é única. Todavia, a importância da intervenção

precoce na criança, assim que diagnosticada a deficiência visual, é determinante para a otimização de seu desenvolvimento. Destaca Nogueira (2002, p.7):

Os estudos de desenvolvimento humano são unânimes em ressaltar certos períodos como fundamentais no processo de maturação, particularmente os situados nos primeiros anos de vida. As privações e as restrições nestes primeiros momentos podem estar associadas a *déficits* evolutivos irreversíveis e a distorções funcionais e estruturais.

Logo, os primeiros anos de vida têm uma influência progressiva no desenvolvimento infantil, por isso, a importância da intervenção ser feita nos primeiros meses de vida da criança realizada pelos pais e equipes de profissionais, buscando desenvolver os sentidos remanescentes para que as dificuldades sejam minimizadas.

Não obstante, para estimular o desenvolvimento da criança com deficiência visual é importante para além de o ambiente ser um espaço físico adequado com objetos estimuladores, bem como atividades e profissionais que proporcionem experiências sensoriais, cognitivas, motoras e sociais às crianças. Acima de tudo, é necessário que haja interação, pois nem sempre as crianças tem acesso a materiais adequados bem como aos profissionais apropriados.

Para Gil (2000, p.21):

A criança deficiente visual (cega ou com baixa visão) desde o início sofre limitações em suas possibilidades de apreensão do mundo externo e de adaptação do meio. Ela precisa contar com as pessoas disponíveis para ajudá-la a explorar o mundo e a elaborar suas próprias informações, usando os demais órgãos dos sentidos – audição, olfato, tato e paladar – para ganhar autoconfiança e senso de equilíbrio.

Desse modo, é através de uma mediação que a criança vai construindo seu conhecimento, interagindo com o meio e com as pessoas ao seu redor, ademais, é essencial ainda que o bebê com deficiência visual aprenda a usar os sentidos remanescentes o mais cedo possível para evitar alguns atrasos em seu desenvolvimento.

A criança com deficiência visual que nasce em um ambiente que lhe proporcione as devidas intervenções nos primeiros meses de vida, terá por consequência, mais chances para desenvolver suas funções motoras e cognitivas.

Ainda em relação ao desenvolvimento infantil, vários autores abordam que a sequência do desenvolvimento da criança com deficiência visual é igual ao da criança vidente, a diferença é em relação ao ritmo que poderá ser mais lento.

2.3 A ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL E A CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Para que ocorra um processo de desenvolvimento integral da criança com deficiência se faz necessário que ela tenha uma estimulação de todos os sentidos desde 0 aos 3 anos de vida. O desenvolvimento integral da criança com deficiência tem o propósito de prevenir, detectar, minimizar as deficiências e seus efeitos.

Atualmente, usamos o termo estimulação essencial para designar atividades de estimulação que envolvem as áreas sensoriais, motora, cognitivas e afetivas, em crianças na faixa etária de 0 a 3 anos. A nomenclatura, estimulação essencial, é a mais utilizada nos dias de hoje por ser considerada a mais adequada para demonstrar com clareza seu propósito, pois é na primeira infância que acontece o período de maior assimilação da criança. Também podem ser usados os termos, “estimulação precoce”, “intervenção precoce”, “estimulação psicomotora precoce”, “intervenção essencial”. Desses, o mais utilizado continua sendo, estimulação precoce.

A terminologia estimulação essencial, segundo Reis (2014) foi inserida primeiramente pela educadora Marinho em 1978, a partir de um conceito próprio, de acordo com sua longa experiência como educadora e pesquisadora sobre o desenvolvimento infantil. Ela afirma que referente ao desenvolvimento e à educação, nada pode ser realizado antes do tempo, ora, a estimulação precoce, não se aplica a nossa língua. Assim, a autora afirma que a estimulação é essencial, já que assume o papel de importante incentivador do meio no processo evolutivo da criança.

Outra nomenclatura muito usada para esta intervenção é a Estimulação Precoce. O Ministério da Educação (BRASIL, 1995, p.11) adota este conceito e define como:

Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo.

Sendo assim, a estimulação essencial é importante para toda a criança com ou sem atraso de desenvolvimento.

A importância deste tipo de intervenção ser realizada nos primeiros meses de vida pela família e diversas áreas de atendimento, podem proporcionar à criança o desenvolvimento dos sentidos remanescentes, minimizando as possíveis dificuldades. Para Nogueira (2002, p.7):

É importante ressaltar que, quanto mais cedo for feita a identificação de uma necessidade especial, mais facilmente os especialistas poderão realizar o planejamento de programas de estimulação, de reabilitação, de desenvolvimento e de reforço que, devida e sistematicamente orientados e executados, poderão salvaguardar a integridade do potencial de aprendizagem.

As crianças com deficiência visual que recebem estimulação para o desenvolvimento de seus potenciais podem alcançar um nível de desenvolvimento cognitivo, físico e motor mais elaborado. Salienta-se a idade de 0 a 3 anos por ser a fase adequada para criança desenvolver suas capacidades, sendo que, nesta fase que a criança deverá ter um atendimento voltado para sua deficiência onde é preciso que ela exerça, ao máximo, suas capacidades, evitando que a deficiência traga dificuldades no seu desenvolvimento.

A estimulação tem como objetivo desenvolver as funções intelectuais, físicas e afetivas da criança. Esta estimulação pode acontecer, primeiramente, no ambiente em que a criança vive, mediada por seus cuidadores. Portanto, pode-se dizer que a família tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança com deficiência visual.

Segundo Pintanel, Gomes e Xavier (2013, p.87):

É no meio familiar que ocorrem as relações de cuidado mais importantes através de ações de proteção, acolhimento, respeito e potencialização do outro. Quando esta família vive uma situação de deficiência são necessárias inúmeras estratégias para o enfrentamento da situação e estimulação da criança para a independência.

O nascimento de uma criança com deficiência visual, quase sempre gera um impacto negativo para os pais e familiares. Os pais estão preparados para receber uma criança idealizada como o filho de seus sonhos, com características ideais, não

conseguindo, inicialmente, pensar de uma forma racional para encaminhar e intervir com o bebê. Esta fase pode ser considerada um período de luto na qual os pais se sentem culpados e ressentidos, pois tudo que imaginavam, pensavam e desejavam com a criança e quanto ao futuro dela é contraposto. Buscaglia (1993, p.106) destaca:

[...] É-lhes pedido que aceitem uma realidade não desejada. A criança perfeita que esperavam não veio e, em seu lugar, terão de aceitar algo muito aquém de suas expectativas. Essa tomada de consciência traz consigo uma dor profunda e a decepção para toda a família.

De acordo com Franco (2015) este processo de luto pelo filho idealizado é um passo fundamental no processo de desenvolvimento emocional dos pais. É inevitável que os pais se sintam tristes ou perdidos, pois há sofrimento emocional pela existência de deficiência. Esse luto precisa ser vivido, mas também elaborado a fim de chegar a uma adaptação à realidade, o retorno à estabilização e a busca de caminhos que promovam o desenvolvimento das potencialidades do filho.

Para Gil (2000) a família é a base do desenvolvimento do ser humano, compete à tarefa de propiciar ao deficiente visual condições para o seu crescimento como pessoa.

Na família ocorre a primeira inclusão da criança, que precisa sentir que faz parte do núcleo familiar, sendo por meio de vínculos afetivos apresentados através dos cuidados que têm com ela.

Conforme Pintanel, Gomes e Xavier (2013, p.87):

O papel da família no cuidado e no desenvolvimento da criança é de fundamental importância, uma vez que o núcleo familiar compreende sua primeira rede de apoio social. A interação familiar é vista como base e suporte de promoção a diversas formas de desenvolvimento infantil.

Esta interação do bebê com a família será a base para integração nos contextos sociais. Portanto, quanto mais cedo os pais ou cuidadores forem orientados a como cuidar a criança com deficiência visual, mais rápido sairão do luto inicial pela perda do filho sonhado.

Franco (2015) menciona a estimulação precoce como a “necessidade de estimular a criança, pondo em ação suas competências motoras e sensoriais de forma a obter maior qualidade nesses domínios”, se detendo a contribuições das

neurociências. A intervenção precoce para o mesmo autor conjuga-se a “três grandes áreas do saber: as neurociências, a investigação sobre o desenvolvimento dos bebês e as perspectivas contextuais e ecológicas do desenvolvimento”. (FRANCO, 2015 p.23)

A união destas três teorias nos possibilita uma visão de intervenção precoce mais ampla. Esta proposta se centra na relação da família com a criança, no desenvolvimento infantil, nos contextos sociais e comunitários.

Em relação ao conceito de intervenção precoce, Franco menciona também o pensamento de Correia; Serrano (1998 *apud* FRANCO, 2015, p.22) quando fala sobre a intervenção precoce.

Hoje, o conceito de intervenção precoce é mais vasto e multidimensional, podendo ser definido como o conjunto das intervenções dirigidas às crianças, até aos 6 anos, com problemas de desenvolvimento ou em risco de os virem a apresentar, e as suas famílias (CORREIA; SERRANO, 1998) e contextos, tendo por objetivo responder, o mais cedo possível, às necessidades, transitórias ou permanentes que apresentam. Torna-se assim uma parte essencial dos sistemas educativos, de saúde e de proteção social à infância nos diferentes países.

De acordo com Franco (2015) a intervenção precoce tem como objetivo o pleno desenvolvimento da criança seja no ambiente escolar, familiar e social, sendo esta também uma forma de inclusão das crianças em todos os espaços.

Os programas de estimulação essencial devem decorrer das necessidades da criança com deficiência visual, com uma perspectiva ampla ao seu desenvolvimento infantil, aumentando assim as possibilidades de intervenção com esta criança.

Sobre os programas de estimulação essencial primeiramente é preciso fazer a análise das prioridades da criança e de seus familiares. Cabe ressaltar que em algumas localidades não há esse tipo de serviço e, muitas vezes, a família não tem recursos para colocar a criança nestes serviços. Neste sentido, ainda são poucos os programas de estimulação essencial desenvolvidos em escola pública, pois a maioria dos programas é desenvolvido em instituições especializadas.

De acordo com Bruno e Mota (2001), a organização do programa pode ser feita de duas formas de atendimento: uma individual e outra grupal. Também a família recebe apoio e suporte para a realização deste. Dentre as atividades individuais Bruno e Mota (2001 p.120) referem:

realizar avaliação funcional e orientação para estimulação visual e do desenvolvimento integral; apoiar a interação e relação mãe-criança-família; ajudar a escuta materna: compreendendo e interpretando a intenção comunicativa do bebê e da mãe; favorecer a criação de novas formas de comunicar e de brincar.

As atividades individuais envolvem avaliações e orientações de cada criança referente ao seu desenvolvimento. Nas atividades em grupo são propostas situações lúdicas, com espaço lúdico, atividades de vida diária e orientação e mobilidade. Desse modo Bruno e Mota (2001 p.121), mencionam sobre as atividades em grupo:

Brincadeiras e Jogos, jogos vocálicos – escuta e imitação; jogos de imitação – olhar, toque e gestos; jogos corporais – vivência do corpo no espaço; músicas com gestos – cantigas, melodias e pequenos versos com rimas; jogos de auto-simulação; brincadeiras de faz-de-conta; criação de novas brincadeiras.

As atividades desenvolvidas com a criança devem servir como um apoio para orientação da família e da escola. Toda intervenção essencial deve ser planejada em conjunto com todos os profissionais envolvidos.

3 METODOLOGIA

Este trabalho demanda apontar as contribuições de diversos autores em relação à importância da estimulação essencial para as crianças com deficiência visual. Como problema apresenta-se: Qual a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual?

O objetivo geral configura-se em conhecer a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual. Como objetivos específicos, busca-se descrever a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual; apontar as contribuições da estimulação essencial para o desenvolvimento de crianças com deficiência visual; identificar os fatores que influenciam no desenvolvimento da estimulação essencial das crianças com deficiência visual.

Para o desenvolvimento deste estudo, optou-se por uma abordagem qualitativa e método de pesquisa bibliográfica, pois por meio deste método é possível identificar as abordagens sobre *A importância da estimulação essencial em crianças com deficiência visual*.

Minayo (1992, p. 22-23) diz que a abordagem qualitativa:

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A abordagem qualitativa prioriza os significados/sentidos das ações e relações humanas, visando uma compreensão e explicação dos contextos sociais.

Como método de investigação utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a qual permite fazer uso de várias fontes de consulta para o desenvolvimento deste estudo.

Para Fonseca (2002, p.32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *web sites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite o pesquisador conhecer o que já estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher

informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Para Gil (2002), um dos benefícios da pesquisa bibliográfica é o fato de proporcionar ao pesquisador uma série de acontecimentos maiores do que poderia pesquisar diretamente. Conforme Gil (2002, p.45):

Seria impossível a um pesquisador percorrer todo território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda *per capita*; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas.

Desse modo, a pesquisa bibliográfica facilita ao pesquisador usar fontes, aquelas em que ele tenha acesso, como por exemplo, livros, artigos, publicações periódicas, teses, internet, entre outros. Na análise dos dados utilizou-se da abordagem interpretativa que segundo Gil (2000), esta abordagem está relacionada ao que os autores afirmam com o problema para propor uma solução ou seja, para que a informação seja acessível e manejável é preciso descrevê-la com a sua riqueza de detalhes. Assim, o leitor terá condições de compreendê-la como se fizesse parte do contexto pesquisado.

Para a fundamentação deste trabalho, a escolha dos materiais no primeiro momento ocorreu por meio da busca no acervo impresso da biblioteca central e biblioteca setorial do centro de educação da Universidade Federal de Santa Maria. Para um maior complemento também foram feitas pesquisas em artigos provenientes de fontes magnéticas seguras como Scielo, Portal Capes, ANPEd, Faders. A seleção dos materiais (ver Apêndice A) ocorreu, a partir dos descritores estimulação essencial e deficiência visual. Após a seleção, o próximo passo foi a realização da leitura e fichamento dos materiais para o desenvolvimento do estudo.

A seguir apresento a súmula no quadro 1:

Quadro 1 - Súmula da literatura

Fonte		Descritores	Número
Impressa	Livros	Estimulação Essencial	2
		Deficiência Visual	3
	Artigos	Estimulação Essencial	5

		Deficiência Visual	6
Magnética	SciELO, ANPEd, IBC, Faders,	Estimulação Essencial	2
		Deficiência Visual	4
Impressa	Dissertação Tese	Estimulação Essencial	2
		Deficiência Visual	2

Fonte: Tabela elaborada pela pesquisadora.

4 A IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO ESSENCIAL PARA CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: REFLEXÕES A PARTIR DOS RESULTADOS

Este capítulo cita autores que abordam, exclusivamente, sobre temática da importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual. Para análise dos dados utilizou-se da abordagem interpretativa². Na pesquisa realizada, nas seleções dos estudos para análise, foram identificadas duas abordagens: uma educacional e outra clínica. Os autores que fazem uma abordagem educacional são Pícoli (2011), Roveda (2007), Gil (2000), Masini (2007) e Perin (2010). Dentre os estudos que se utilizam de tratamentos mais clínicos estão Rodrigues (2002), Gagliardo e Nobre (2001) e Kreutz (2010).

As crianças sem *déficits* na visão têm como forma de primeira interação com o mundo, o canal da visão e, este possibilita uma compreensão abrangente e imediata do que lhe circunda recebendo muitas informações ao mesmo tempo. O sentido da visão compreende mais informações em um período mais curto do que outros órgãos do sentido. Nesse sentido, Rodrigues (2002, p.7) salienta que:

a visão possibilita um registro imediato e simultâneo das características do mundo externo no que se refere à posição, distância, tamanho, cor e forma. Sendo, desta forma, considerada como o mais sofisticado e objetivo dos sentidos.

O sentido da visão tem um papel fundamental para a aquisição de conhecimentos sobre o mundo e para o desenvolvimento humano. A criança cega

² Para uma conferência mais rápida acerca dos resultados da pesquisa ver Apêndice B.

ou com baixa visão apresenta um desenvolvimento semelhante ao das crianças que enxergam, mostrando apenas algumas diferenças no seu ritmo e capacidades. Desse modo, a interação da criança com deficiência visual com o mundo ocorrerá através dos sentidos remanescentes, especialmente, o tato e a audição.

O estímulo dos sentidos audição e tato são indispensáveis para a criança com deficiência visual e deverão estar associados para obtenção de informações e construção de conhecimentos. Pícoli (2011, p.9) retrata sobre a associação que a criança com deficiência visual deverá fazer com o que ouve, ao que toca, para que ela tenha uma compreensão de tudo, “se uma criança cega tocar num objeto que ainda não conhece sem a mediação da fala, ela não conhecerá o objeto. O mesmo acontece quando ouve palavras sem tocar nos objetos”.

Na abordagem de Roveda (2007) que utiliza o termo “intervenção precoce” como sendo o trabalho realizado com os bebês e suas famílias, atenta para as implicações que a falta de visão traz para o desenvolvimento da criança, reconhecer estas implicações e, principalmente, reconhecer suas potencialidades que serão a base para o trabalho de estimulação.

Roveda (2007) pontua sobre o trabalho de intervenção precoce que, por ser complexo, necessita do envolvimento de vários profissionais que possam atuar de maneira integrada. Para Rodrigues (2002) uma equipe multiprofissional é composta por pediatras, enfermeiros, fonoaudiólogos, fisioterapeuta; pedagogo; terapeuta ocupacional; assistente social; musicoterapeuta, dentre outros. Salientando que o sucesso do programa de intervenção será possível com o envolvimento da família nesse sentido Roveda (2007, p.83,84) expõe:

Podemos entender a necessidade do envolvimento das famílias na elaboração de um programa de intervenção precoce, pois estas possuem informações valiosas a respeito da criança e das relações estabelecidas no núcleo familiar. [...] é possível haver uma troca entre a família e os profissionais, o que refletirá na qualidade do trabalho desenvolvido. (ROVEDA, 2007, p.83, 84).

A participação da família neste processo de intervenção cria condições necessárias para a execução das atividades favorecendo no desenvolvimento da criança de maneira geral. O principal objetivo da equipe multidisciplinar é desenvolver um programa de integração envolvendo os pais ou cuidadores.

Para Perin (2010), a importância do diálogo entre os pais e a equipe de profissionais resulta na otimização do desenvolvimento da criança, pois, desse modo, os familiares aprendem com diversos profissionais de diferentes áreas a estimular a criança. As crianças com deficiência visual não se resumem a um diagnóstico, a família e a escola devem saber disso, portanto, de acordo com Perin (2010, p. 11) a estimulação essencial:

[...] não pode ser estudada só no sistema educacional, ou no âmbito familiar, ela deve encarar a criança como um todo, isso exige um sistema de suporte onde a contribuição de especialistas apoiados de recursos e estratégias, acrescidos de práticas pedagógicas eficazes reforça o processo evolutivo do desenvolvimento, transformando os programas de estimulação precoce em programas de sucesso.

Com a colaboração da família e dos profissionais envolvidos nos programas de estimulação podem-se obter resultados positivos no desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, a estimulação essencial é de extrema importância, pois irá garantir à criança autoestima e confiança nas suas possibilidades, a adaptação de seu meio, tanto familiar quanto na sociedade, “essa adaptação implica na capacidade de atuar, agir, modificar e produzir alterações ao seu redor, possibilitando seu desenvolvimento e crescimento pessoal” (PERIN, 2010, p. 12).

Rodrigues (2002) também ressalta a importância do envolvimento da família nos programas de intervenção precoce, pois a participação ativa dos pais nas atividades de estimulação assegura a eficácia do programa e a continuidade no lar. Os profissionais e a família devem trabalhar juntos para atingir o objetivo da intervenção que é o desenvolvimento da criança. Rodrigues (2002) aponta a estimulação essencial de uma forma mais clínica e ressalta ser um trabalho de caráter mais lúdico, usa o termo estimulação precoce para designar esse serviço. Rodrigues (2002, p.19), relata:

O trabalho de estimulação precoce tem um cunho lúdico. É preciso que a criança sinta prazer ao ser estimulada. Só assim ela se motivará a repetir e aperfeiçoar suas ações. Deve ficar claro que o lúdico prevê objetivos bem definidos e estabelecidos por parte do profissional, porém, este deve estar ciente da flexibilidade que o programa prevê, aproveitando todas as situações que surgirem, muitas vezes inesperadas, para estimular a criança.

Nesse sentido, Rodrigues (2002) relata que os jogos e os brinquedos são muito utilizados para o processo de estimulação. O brincar para a criança tem uma importância relevante, pois a estimula ter ação para atuar ativamente com o meio.

A criança com deficiência visual se organiza e se estrutura a partir da utilização e integração dos sentidos remanescentes necessitando de um tempo maior para se organizar. Nos trabalhos de estimulação devem-se respeitar as limitações das crianças e valorizar seu potencial positivo. Sobre a importância da estimulação essencial, Rodrigues (2002, p.27) aponta para a procura de “assistência, em tempo hábil e recursos adequados e específicos, para que seus efeitos negativos não se instalem”. A estimulação essencial em crianças com deficiência visual tem importância fundamental de cunho preventivo no aparecimento de deficiências secundárias.

Gagliardo e Nobre (2001), com uma visão clínica usam em seu estudo o termo intervenção precoce e apontam que a criança com deficiência visual precisa de intervenção para que sejam despertados o desejo, a curiosidade e a motivação para atuar no ambiente. As autoras ressaltam a faixa etária de zero a três anos para a realização da intervenção, pois é o período que ocorrem as maiores mudanças no desenvolvimento da criança. A carência na estimulação pode acarretar em *déficits* no desenvolvimento infantil, desse modo, Gagliardo e Nobre (2001, p.3) mencionam que:

a deficiência visual sem uma intervenção oportuna pode causar um empobrecimento das vivências pessoais, prejudicando as experiências sensorio-motoras, a manipulação e a exploração dos objetos, gerando atrasos na aquisição das habilidades que são mediadas pela visão.

Desse modo, devem-se criar estratégias e condições para o pleno desenvolvimento da criança. Gagliardo e Nobre (2001) mencionam a intervenção como um processo dinâmico realizado por uma equipe interdisciplinar com situações lúdicas, sendo o principal recurso, a atividade de brincar. Essas atividades são propostas para o desenvolvimento de cada criança, “adaptações como contraste, textura, odores, sons são necessárias em alguns materiais” (GLAGLIARDO E NOBRE, 2001, p. 3).

A intervenção precoce, termo também utilizado por Kreutz (2010) em seus estudos está relacionado às atividades que minimizam o mais cedo possível, consequências para a criança com deficiência, considerando os primeiros anos de vida um período mais vulnerável.

Kreutz (2010, p.27) ressalta a importância de concentrar a intervenção nas necessidades da família.

Pode-se pensar que uma intervenção efetiva seria aquela que pudesse apoiar esses pais a serem pais e não professores, ao mesmo tempo em que habilitasse os pais a realizarem as tarefas necessárias de ensino que uma criança com deficiência demanda.

Muitas famílias apresentam dificuldades em encontrar apoio de profissionais que os auxiliem no processo de estimulação. Kreutz (2010) aponta que essas dificuldades encontradas ocorrem devido ao fato de existirem poucos estudos a respeito do desenvolvimento inicial das crianças com deficiência visual. Atenta-se a necessidade de estudos em relação ao desenvolvimento inicial das crianças com deficiência visual de forma “que auxiliem aos pais a redimensionarem suas expectativas em relação ao desenvolvimento de seus filhos” (KREUTZ, 2010, p.27).

Na educação da criança com deficiência visual nos primeiros anos de vida, a família e os profissionais devem oferecer condições para que a criança descubra o universo ao seu redor agindo de forma natural. Os educadores, a família e terapeutas podem “encorajar a criança de forma que ela se interesse por identificar diferenças, usando todos os seus sentidos para explorar os objetos e a natureza”. (MASINI, 2007, p.30).

A criança com deficiência visual possui muitas capacidades para serem desenvolvidas e requer conhecimento do educador para considerar as suas possibilidades sem desconsiderar seus limites. Massini (2007, p.88), expõe a relevância da estimulação essencial, a qual chama de intervenção precoce descrevendo que ela “não está centrada nas funções deficientes ou lesadas, ao contrário, apoia-se para promover o desenvolvimento dos canais sensoriais disponíveis e nas competências que as crianças possuem”. A criança sem o sentido da visão tem a necessidade de integrar e concentrar os elementos e as informações apanhadas no ambiente utilizando os outros canais sensoriais.

Gil (2000) aponta que o bebê com deficiência visual conta com as pessoas ao seu redor para ajudá-la a explorar o mundo e a se desenvolver, usando também os seus sentidos remanescentes. Assim Gil (2000, p.22) destaca:

É importante que o bebê deficiente visual aprenda a usar outros sentidos o mais cedo possível, para se localizar e reconhecer seu espaço, evitando atrasos em atividades como engatinhar e andar. Trata-se de uma questão de aprendizado, pois ele possui o mesmo potencial dos bebês dotados de visão.

É importante que a estimulação essencial seja iniciada o mais cedo possível, com intervenções variadas de maneira divertida, como exemplo, as brincadeiras, pois quanto mais interessantes forem as atividades, mais satisfeito e motivado o bebê ficará para desenvolvê-las.

Sendo a estimulação essencial uma intervenção que procura despertar o interesse e a curiosidade da criança em conhecer o mundo, na criança com deficiência visual esse despertar acontece por meio do tato. Assim, a criança entende “que existe algo fora de si mesma, um mundo exterior povoado de objetos e pessoas, cada um com seu nome, sua forma e sua função próprias” (GIL, 2000, p.26).

Conforme os autores mencionados neste capítulo, a estimulação essencial tem importância fundamental no processo de desenvolvimento da criança deficiente visual. Tal relevância objetiva prevenir ou tratar prováveis dificuldades ou atrasos no desenvolvimento infantil. A importância do envolvimento da família nos programas de intervenção também é destaque nas falas dos autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos aportes teóricos colocados neste estudo sobre os temas deficiência visual e estimulação essencial, verifica-se uma concordância entre os autores em relação à importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual. Foram mencionados autores com uma abordagem clínica e outros com uma abordagem educacional.

Sobre a estimulação essencial cabe ressaltar a importância da colaboração da família junto aos profissionais, pois a estimulação deve ter continuidade no lar. As orientações dadas pelos profissionais às famílias se embasam nas características e nas necessidades de cada criança estando de acordo com o contexto socioeconômico e cultural que a criança está inserida. Desse modo, os familiares também aprendem com os profissionais de diferentes áreas a intervir com a criança.

Percebe-se a partir das colocações de alguns autores que a deficiência visual impõe restrições no desenvolvimento seguro e confiante da criança no ambiente, podendo interferir no conhecimento do próprio corpo e na relação entre as pessoas no ambiente. Portanto, destaca-se a importância de a estimulação essencial ser realizada assim que detectado o *déficit* visual.

Contudo, ressalta-se que a criança com deficiência visual apresenta necessidades e desenvolvimento equivalentes ao das crianças sem *déficit* na visão, podendo apenas manifestar algumas diferenças no seu ritmo e capacidade. Entretanto, é necessário admitir que, apesar das necessidades das crianças com deficiência visual serem as mesmas das crianças sem *déficit* na visão, é necessário integrar e concentrar os elementos e as informações do ambiente utilizando seus sentidos remanescentes³.

Ao que se refere nos programas de intervenção precoce há uma concordância em relação ao objetivo da intervenção, sendo esta uma forma de prevenir ou tratar possíveis dificuldades e atrasos no desenvolvimento infantil. O processo de intervenção precoce descrito pelos autores é realizado por uma equipe multidisciplinar juntamente com a família. Com o objetivo de despertar o desejo, a

³ Aqui utilizado como um adjetivo ou seja, no sentido daquilo que sobra, resta.

curiosidade e a motivação na criança, as atividades de estimulação podem ser trabalhadas com caráter mais lúdico.

As atividades de estimulação podem envolver mais de uma função ao mesmo tempo, ou seja, uma atividade proposta pode ter vários objetivos e proporcionar o desenvolvimento de outras funções. As experimentações possibilitam à criança compreender a existência de realidades exteriores aumentando o seu campo perceptivo e contribuindo para integração da criança com deficiência visual na família e na sociedade.

Do que se pode verificar, os objetivos e a problemática deste trabalho foram considerados devidamente, pois a importância da estimulação essencial para as crianças com deficiência visual já nos primeiros meses de vida é decisiva para a potencialização de seu desenvolvimento. As atividades elaboradas nos programas de estimulação essencial têm como objetivos o desenvolvimento psicomotor, a percepção sensorial, visando levar a criança a alcançar o máximo do seu desenvolvimento social, cognitivo e afetivo, considerando sempre a participação da família em trabalho conjunto com a equipe multidisciplinar.

Assim sendo, ainda são poucos os estudos que envolvem a temática estimulação essencial em crianças com deficiência visual. Além disso, este estudo tem a intenção de colaborar para a construção do conhecimento sobre a importância da estimulação essencial para crianças com deficiência visual.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes Educacionais sobre estimulação precoce**. Brasília: MEC/SEESP. 1995.

BRUNO, M. M. G. **Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades de Comunicação e Sinalização: Deficiência Visual**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRUNO, M. MOTA, M. **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência visual, Vol.1- Colaboração**, Instituto Benjamin Constant. – Brasília. MEC, Secretaria de Educação Especial, 2001.

BUSCAGLIA, L. F.; **Os deficientes e seus pais**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CARVALHO, Keila Miriam M. [et al]. **Visão Subnormal: orientações ao professor do ensino regular**: 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002. APOSTILA.

FRANCO, V. Introdução à Intervenção Precoce no desenvolvimento da criança, Com a família, na comunidade, em equipe. Ed. Aloendro. 2015.

FRANCO, João Roberto; DIAS, Tércia Regina da Silveira. **A pessoa cega no processo histórico: um breve percurso**. Revista Benjamin Constant, Edição 30, abril de 2005. Disponível em:
<<http://www.ibc.gov.br/?catid=4&itemid=10028>. >Acesso em: 07/05/2017.

GAGLIARDO, H. G. R. G; NOBRE, M. I. R. S. **Intervenção Precoce na criança com baixa visão**. Ver. Neurociências 9(1), 16-19, Campinas. São Paulo, 2001.

GIL, M. **Deficiência visual**. Ministério de Educação. Secretaria de educação a Distância. Brasília: MEC, 2000.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. – 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. (Trad. Octavio M. Cajado). São Paulo: Difel, 1968. HELDER, Barbel; PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difel, 1974.

KREUTZ, C. M. **A Efetividade de uma Intervenção Precoce na Interação entre os pais e um bebê prematuro com deficiência visual**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Abril, 2010.

MASINI, E. S.; **A Pessoa com deficiência Visual: Um livro para educadores**. 1. Ed. São Paulo: Vetor, 2007.

MINAYO, Maria Cecilia S.et. al. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 7ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

NOGUEIRA, M. L. de L. **A importância dos pais na educação segundo a percepção de universitários deficientes visuais**. Ed. 23. Ver. Benjamin Constant, dez. 2002. Disponível em: www.ibc.gov.br/images/conteudo/revistas/benjamin_constant/2002/edicao-23-dezembro Acesso em: 07 maio 2017.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. **Desenvolvimento Humano**. v.7. Editora: Artmed. Porto Alegre 2000.

PERIN, A. E. **Estimulação Precoce**: Sinais de Alerta e benefícios para o desenvolvimento. Vol. 5 – Nº 12 – Estação- RS. Julho - Dezembro 2010

PÍCOLI, V. de. **A construção do conhecimento por crianças com deficiência visual a partir de uma prática reflexiva**. Setembro, 2011. Disponível em: <<http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/publicacoes/9>>. Acesso em: 29 set. 2017.

PINTANEL, A. C.; GOMES, G. C.; XAVIER, D. M.; **Mães de crianças com deficiência visual**: dificuldades e facilidades enfrentadas no cuidado. **Rev Gaúcha Enferm**. Vol.34.:<Porto Alegre, junho, 2013.

REIS, A. C. C. dos. **Formação docente para a infância**: O legado de Heloisa Marinho (1934-1978). 2014.

Disponível em:

<<https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/04/ana-claudia-carmo-dos-reis-liga-maria-lec3a3o-de-aquino.pdf>> Acesso em: 07 maio 2017.

RAPPAPORT, C.R.;FIORI, W. da R.; DAVIS, C. **Psicologia do desenvolvimento**, teorias do desenvolvimento. v1, São Paulo, 1981.

RODRIGUES, M.R.C.; **Estimulação Precoce**: A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida. Benjamin Constant, V. 8, n.21, Rio de Janeiro, 2002.

ROVEDA, P. A. **Pedagogia do significado**: contribuições à intervenção precoce em bebês com deficiência visual. Porto Alegre, 2007.

SÁ, Elizabet Dias de. Atendimento Educacional Especializado para alunos cegos e com baixa visão. Módulo VI. In: SILUK, Ana Claudia Pavão. (org.). **Formação de professores para o Atendimento Educacional Especializado**. Santa Maria: Laboratório de pesq. E doc. – CE. Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Fundamentos de defectologia**. In: **Obras completas**. Tomo V. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997. p. 74 - 87. Disponível em:
<<https://intervozesdotcomdotbr.files.wordpress.com/2015/01/vigotski-a-crianc3a7a-cega.pdf>> Acesso em: 07 maio 2017.

APÊNDICE A - QUADRO REFERENTE ÀS FONTES BIBLIOGRÁFICAS
UTILIZADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

Fonte de Pesquisa: Magnéticas	Bibliografia:	Resumo:
<p>Site: https://anpedsudeste2014.files.wordpress.com/2015/04/ana-claudia-carmo-dos-reis-liga-maria-lec3a3o-de-aquino.pdf</p> <p>Fonte: http://www.anped.org.br/adm/biblioteca</p>	<p>Estimulação Essencial, Heloisa Marinho (1978). Artigo: FORMAÇÃO DO DOCENTE PARA A INFÂNCIA: O LEGADO DE HELOISA MARINHO (1934-1978) Ana Claudia Carmo dos Reis</p>	<p>“os relatórios de desenvolvimento da criança elaborados por alunas do curso de Especialização em Educação Pré-primária, busca-se pensar e revisitar concepções e práticas educativas referentes ao lugar que a criança ocupava na educação, assim como o desenvolvimento da linguagem, eixo principal das investigações da professora Heloisa Marinho</p>
<p>Site: www.ibc.gov.br/images/content/revistas/benjamin_constant/2002/educacao-23-dezembro</p> <p>Fonte: http://www.ibc.gov.br/</p>	<p>Artigo: A importância dos pais na educação segundo a percepção de universitários deficientes visuais. Mário Lúcio de Lima Nogueira</p>	<p>“[...] resultado de uma pesquisa que entrevistou portadores de necessidades educacionais especiais que, apesar de todas as adversidades, lograram alcançar êxito no processo educacional chegando ao nível superior, buscando, através de suas falas, identificar possíveis formas de melhorar a formação dos professores da rede regular de ensino[...].”</p>
<p>Site: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000200013</p>	<p>VIGOTSKI, L. S. Fundamentos de defectologia. In: Obras completas. Tomo V. Trad. de Maria del Carmen Ponce Fernandez. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1997. p. 74 – 87</p>	<p>“A cegueira é não apenas a falta da vista (o defeito de um órgão específico), senão que assim mesmo provoca uma grande reorganização de todas as forças do organismo e da personalidade”</p>

Fontes de Pesquisa: impressa	Bibliografia:	Resumos:
Livro: Formação de professores para o atendimento educacional especializado/ organização Ana Cláudia Pavão Siluk – Santa Maria: UFSM, 2011	Atendimento Educacional Especializado para alunos cegos e com baixa visão. Elizabet Dias de Sá 2011.	“[...] as inúmeras restrições decorrentes da deficiência visual por si só não são suficientes para revelar os limites e as possibilidades do sujeito”
Livro: BRASIL, Ministério de Educação. Secretaria de Educação Especial. Diretrizes Educacionais sobre estimulação precoce. Brasília: MEC/SEESP. 1995.	Diretrizes Educacionais sobre estimulação Precoce. BRASIL, 1995, P.11)	“Conjunto dinâmico de atividades e de recursos humanos ambientais incentivadores que são destinados a proporcionar à criança, nos seus primeiros anos de vida, experiências significativas para alcançar pleno desenvolvimento no seu processo evolutivo”.
CARVALHO, Keila Miriam M. [et al.]. Visão subnormal: Orientações ao professor do ensino regular: 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp,1994	Visão Subnormal: Orientações ao professor do ensino regular. Keila Miriam M. Carvalho. 1994. P.13	“A baixa visão pode ocorrer em 3 níveis, que são: leve; moderado ou severo, e várias alterações podem influenciar nesta deficiência, que são decorrentes de fatores ambientais inadequados, de fatores isolados ou associados”
Livro: Psicologia do Desenvolvimento Teorias do desenvolvimento Conceitos fundamentais Volume 1	Psicologia do Desenvolvimento. Clara Regina Rappaport; Wagner da Rocha Fiori; Cláudia Davis 1981	“A Psicologia do Desenvolvimento pretende explicar de que maneiras importantes as crianças mudam no decorrer do tempo e como essas mudanças podem ser descritas e compreendidas”
Livro: Desenvolvimento humano Diane E. Papalia, Sally WendkosOlds. 2000	Desenvolvimento Humano. Diane E. Papalia, Sally WendkosOlds. 2000	“O campo do desenvolvimento humano focaliza o estudo científico de como as pessoas mudam, e também de como ficam iguais, desde a concepção até a morte”.
Livro: Deficiência visual/ Marta Gil (org.) Brasília: MEC. Secretaria de educação a Distância, 2000.	Deficiência Visual/ Marta Gil. 2000	“impacto da deficiência visual (congenita ou adquirida) sobre o desenvolvimento individual e psicológico varia muito entre os

		indivíduos. Depende da idade em que ocorre, do grau da deficiência, da dinâmica geral da família, das intervenções que forem tentadas, da personalidade da pessoa – enfim, de uma infinidade de fatores.”.
Livro: Introdução à Intervenção Precoce no desenvolvimento da criança.	Introdução à Intervenção Precoce no desenvolvimento da criança. Vítor Franco. 2015.	“Os principais objetivos do livro é mostrar a atualidade e relevância da Intervenção Precoce para o cuidado e vida das crianças com deficiência ou perturbações do desenvolvimento e suas famílias”.
Artigo: Estimulação Precoce: Sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento	Estimulação Precoce: Sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento. Andréa Eugênia Perin 2010.	“Objetivo: elencar os benefícios da estimulação precoce e salientar a importância do trabalho de vários profissionais que atuam em diferentes áreas e auxiliam na atenuação de diversos problemas que comprometem o desenvolvimento infantil”
Dissertação: Pedagogia do significado: Contribuições à intervenção precoce em bebês com deficiência visual.	Pedagogia do significado: Contribuições à intervenção precoce em bebês com deficiência visual. Patrícia Amélia Roveda, 2007.	“O desenvolvimento do bebê com deficiência visual e seu atendimento em intervenção precoce. Os sentimentos e a relação das mães com seu bebê, em razão do importante papel que estas desempenham durante o processo de desenvolvimento infantil.”
Artigo: Estimulação precoce: A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida.	Estimulação precoce: A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção[...] Maria Rita Campello Rodrigues, 2002.	“Importância da Psicomotricidade na intervenção fisioterápica tendo como objetivo a prevenção de atrasos e alterações motoras como efeito secundário da cegueira, integrando os programas de Estimulação Precoce”.
Livro: A pessoa com deficiência visual: Um livro para	A pessoa com deficiência visual: Um livro para educadores.	“Apresentar os temas sobre a pessoa com deficiência visual, é uma das formas de

educadores.	Elcie F. Salzano Masini	compartilhar e convidar o leitor a ter maior contato com a problemática da educação e da inclusão social das pessoas com deficiência visual”.
Livro: Os deficientes e seus pais	Os deficientes e seus pais, Leo Buscaglia, 2010.	“Este livro é dedicado aos indivíduos deficientes e seus pais que, muitas vezes sozinhos, confusos e mal informados, lutaram com a desilusão, o desapontamento, o desejo e obstáculos aparentemente intransponíveis, e saíram vitoriosos[...]”
Artigo: Intervenção Precoce na Criança com Baixa Visão	Intervenção Precoce na Criança com Baixa Visão Heloisa G. R. Gardon Gagliardo Maria Inês R. S. Nobre	“Contempla as características do desenvolvimento de crianças com baixa visão e as diferentes áreas do desenvolvimento que podem ser comprometidas pelas alterações visuais. Apresenta uma abordagem da atuação da terapia ocupacional em intervenção precoce”.
Artigo: A Construção do conhecimento por crianças com deficiência visual, a partir de uma prática reflexiva	A Construção do conhecimento por crianças com deficiência visual a partir de uma prática reflexiva. Vilma de Pícoli	“Este artigo visa investigar e demonstrar como as crianças deficientes visuais utilizam seus sentidos remanescentes para interagir com os objetos do meio a fim de desenvolver suas estruturas mentais e conceitos da realidade”.
Tese: A Efetividade de uma Intervenção Precoce na Interação entre os pais e um bebê prematuro com deficiência visual	A Efetividade de uma Intervenção Precoce na Interação entre os pais e um bebê prematuro com deficiência visual. Carla Meira Kreutz	“Um estudo de caso sobre uma família com um bebê com deficiência visual e a efetividade de uma intervenção precoce”.

APÊNDICE B - TABELA: RESULTADOS OBTIDOS NO PROCESSO DE PESQUISA

Fonte	Material	Identificação	Ano
Impressa	Artigo	Pedagogia do Significado: Contribuições à intervenção Precoce em bebês com deficiência visual. Patrícia Amélia Roveda	2007
	Artigo	Estimulação Precoce: Sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento. Andréa Eugênia Perin	2010
	Livro	A Pessoa com Deficiência Visual: Um livro para educadores de Elcie F.Salzano Masini	2007
	Tese	A Efetividade de uma Intervenção Precoce na Interação entre os pais e um bebê prematuro com deficiência visual. Carla Meira Kreutz	2010
	Artigo	A Construção do	2011

Magnética		conhecimento por crianças com deficiência visual a partir de uma prática reflexiva. Vilma de Pícoli	
Magnética	Artigo	Estimulação Precoce A contribuição da psicomotricidade na intervenção fisioterápica como prevenção de atrasos motores na criança cega congênita nos dois primeiros anos de vida. Maria Rita Campello Rodrigues	2002